

FRANCISCO DE ASSIS (1181 OU 1182): UM PARADOXO DO SEU TEMPO

FRANCISCO DE ASSIS (1181 OR 1182): A PARADOX OF HIS TIME

Josineide Siqueira de Santana 

SEDUC-SE/Cátedra Estudos Globais- Uab

josi-siqueira2010@hotmail.com

Verônica dos Reis Mariano Souza 

Universidade Federal de Sergipe – UFS

veronicamariano@live.com

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Histórico:

Submissão | Received: 22/12/2021

Aprovação | Accepted: 14/04/2022

Publicação | Published: 18/12/2022

RESUMO

O objetivo deste artigo é conhecer e dialogar com o contexto sócio-histórico da vida de Francisco de Assis, buscando apresentar seu itinerário, numa comunicação entre a personagem e seu tempo, além de mostrar seu aporte para o mundo atual, por meio de sua concepção. Nascido em Assis, 1181 ou 1182, filho de Pietro di Bernadone e Jeanne di Bernardone, o jovem Giovanni di Pietro di Bernadone, apelidado de Francesco por seu pai, notabilizou-se, entre outras coisas, por sua forma radical de vida. Sua trajetória se encontra, principalmente, em seus testamentos e nas fontes franciscanas. Francesco é conhecido por revolucionar a Igreja, sem, no entanto, afastar-se dela. Munido de um pensamento de unidade e fraternidade, conseguiu, de forma rara, transcender o tempo, até os dias atuais. O pensamento de Francisco colaborou visão de mundo voltada à unidade dos povos, da diplomacia, meio ambiente e cultura de paz. Para escrita deste artigo foram utilizados os pressupostos teóricos-metodológicos da História Cultural, e para contribuir ao entendimento do homem de Assis, a bibliografia conta com autores como Foucault (1989), Le Goff (2005a – 2005b), Duby (1978, 2017), Franco (2001), além de Fassini (2004), entre outros.

Palavras-chave: Francisco de Assis, Idade Média, Igreja, História, Cultura

ABSTRACT

The objective of this article is to know and dialogue with the sociohistorical context of the life of Francisco de Assis, seeking to present his itinerary, in a communication between the character and his time, in addition to showing his contribution to the current world through his conception. Born in Assis, in 1181 or 1182, son of Pietro di Bernadone and Jeanne di Bernardone, the young Giovanni di Pietro di Bernadone, nicknamed Francesco by his father, was notable, among other things, for his radical way of life. His trajectory is found mainly in his testaments and Franciscan sources. Francesco is known for revolutionizing the church, without, however, departing from it. Armed with a thought of unity and fraternity, he managed, in a rare way, to transcend time, to the present day. Francisco's thoughts inaugurated a vision of the world aimed at the unity of peoples, diplomacy, the environment and a culture of peace. For writing this article, the presuppositions of the theoreticians of Cultural History were used, and to contribute to the understanding of the man from Assisi, the bibliography includes authors such as Foucault (1989), Le Goff (2005a – 2005b), Duby (1978, 2017), Franco (2001), in addition to Fassini (2004), among others.

Keywords: Francisco de Assis, Middle Ages, Church, History, Culture

1. NOS TEMPOS DE FRANCISCO

O tempo de Francisco de Assis ficou denominado como baixa Idade Média que vai do século XI ao XV, época que também é marcada por vários conflitos, dentre eles, os de ordem política. No auge do Feudalismo, a população medieval vivia um momento de transformações como o crescimento populacional: “a primeira manifestação desse crescimento é de ordem demográfica econômica, desde o ano 1000, desigualmente de acordo com as regiões, mas de maneira regular e às vezes explosiva – como na Itália do norte e do centro” (Le Goff, 2005b, p. 23). O sistema feudal, proporcionou uma maior concentração e aumento das famílias dos senhores e servos. Nesse interim, o Medievo foi marcado pelo fortalecimento da Igreja, uma vez que, por meio de alianças com os povos bárbaros, muitos acabaram por se converter, conferindo à pessoa do Papa muitos poderes, inclusive no tocante às questões espirituais.

Junto à consolidação da figura do pontífice, o clero também passou a desfrutar de poder e prestígio, configurando-se, assim, como classe social. Eles atuaram de maneira decisiva para a formação da mentalidade do homem medieval. Seus ensinamentos versavam sobretudo na crença na vontade divina, assim como na luta contra o maligno, na recusa dos prazeres mundanos e na salvação da alma. Porém:

O quase total controle da camada clerical sobre o conjunto da comunidade cristã acentuava o azedume das críticas. Estas refletiam as transformações socioeconômicas da Idade Média Central e assumiam forma religiosa coerentemente com a psicologia coletiva da época. As novas manifestações espirituais, que forçavam a Igreja a rever

certos conceitos, não vinham de grupos marginalizados, mal cristianizados. Eram produto da cultura intermediária, tanto no caso das manifestações que ficaram na ortodoxia (cistercienses, franciscanos, dominicanos) quanto no das que caíram na heresia (cátaros, valdenses, fraticelli). (Franco, 2001, p. 106).

O poderio da Igreja não impediu o nascimento de grupos de contestação, apontados como movimentos heréticos, aqui entendidos de acordo com o conceito de Georges Duby (2017, p. 208) que define o herético como “o que escolheu, que isolou da verdade global, uma verdade parcial, e que a seguir, obstinou-se a sua escolha” [sic]. E como bem lembra, Franco (2001, p. 106): “Todas essas correntes baseavam-se na pobreza e na penitência, forma de criticar o enriquecimento e a institucionalização da Igreja. Mas aquelas que não desejavam afastar-se da ortodoxia com o tempo [sic] viam-se influenciadas pelo mesmo enriquecimento e institucionalização”.

Entre os movimentos citados, encontravam-se os chamados Cátaros ou Albigenses, como eram conhecidos em alguns lugares e os Valdenses. Sobre os Cátaros, foi um movimento que se desenvolveu no Sul da França e partes da Itália, a partir do século XII. Baseavam-se na dualidade entre o bem e o mal; considerando o corpo como o mal e a alma como o bem; negavam o purgatório, a missa para os defuntos, o batismo para crianças e a transubstanciação.

Quanto aos Valdenses, estes acusavam a Igreja de ser conivente com a vida de luxo; não se submetiam a nenhuma autoridade eclesiástica

e traduziram a bíblia para a língua vulgar, o que naquele momento era expressamente proibido. Essa atitude por parte desse grupo, tornou-os:

passíveis de ser igualmente caracterizada como heresia a emergente motivação de grupos de leigos que agora tinham como proposta exercer a “pregação não-autorizada”, como foi o caso de diversos grupos de valdenses, e também dos humiliati. A implicação deste aspecto é similar à das heresias que rejeitavam os sacramentos e autoridade dos padres. Assumir a função de ‘pregador’ fora do âmbito da estrutura eclesiástica autorizada pela Santa Sé era questionar também o papel dos padres e monges como os únicos e necessários intermediários na relação com Deus. (Barros, 2010, p. 36)

A explosão desses movimentos, levou a Igreja a embates constantes, tendo em vista que muitos foram convertidos para as novas práticas. No entanto, apesar de todo o confronto e da força da Igreja:

Nenhuma derrota é mais significativa do que a da Igreja do fim do século XII diante dos movimentos leigos francamente heréticos ou catalogados pela Igreja como heréticos. O movimento mais espetacular e mais grave é com certeza o catarismo, verdadeira religião diferente do Cristianismo baseando-se numa estrita oposição entre o bem e o mal. Os Cátaros se estendem pela Baixa Renânia, algumas regiões da França e do Império Romano-Germânico, do Loire aos Alpes, e principalmente pela França

Meridional. A Provença e a Itália do Norte. (Le Goff, 2005b, p. 35).

A presença dos Cátaros nas mencionadas regiões colocou à prova todo o investimento católico, pois, a presença do catarismo, se caracterizou na “derrota do clero secular local, e dos cistercienses, aos quais o papado tinha confiado, a ação da pregação, depois das cruzadas” (Le Goff, 2005b, p. 35). Esse período histórico, resultaria em conflitos dentro da própria França, entre os moradores do Norte e do Sul do país, criando um verdadeiro abismo entre eles, além do surgimento dos processos inquisitoriais.

Os resquícios dessas comunidades na Europa Medieval fazem com que o próprio estilo de vida escolhido por Francisco necessite de reconhecimento papal, uma vez que: “na mesma época com Francisco, havia muitos grupos oriundos da religião apostólica romana, mas que buscavam, muitas vezes, fomentar a dissidência, ao proclamarem ideias não cristãs, não participavam de orações e poucos deles buscavam ajudar os necessitados” (Leluita & Bohomoletz, 2019, p. 36).

Enfim, o processo para acabar com as heresias foi marcado por conflitos, embates, perseguições e mortes. Por isso, o Bispo Guido de Assis preocupou-se em orientá-lo para que solicitasse junto a Roma a aprovação eclesiástica, afastando, desse modo, qualquer dúvida sobre seu caráter de piedade e sua boa-fé para com a Igreja.

Diante do desejo de Francisco de viver na forma do Evangelho de Cristo e do ambiente propício às heresias, alguns questionam, o fato de não desejar um rompimento com a Igreja, tendo em vista as diversas críticas sofridas pela instituição. Mas, como aponta Le Goff, em 2005b:

ele não quis quebrar essa unidade, essa comunidade à qual

se agarrava. Mas principalmente por causa de seu senso, de sua necessidade visceral dos sacramentos. Quase todas as heresias medievais são contra os sacramentos. Ora, Francisco tem necessidade, no mais fundo do seu ser, dos sacramentos e, mais que todos, do primeiro entre eles, a Eucaristia. Para ministrar esses sacramentos, há necessidade de um sacerdote, uma Igreja. Francisco também – o que pode surpreender – está pronto a perdoar aos clérigos em troca desse ministério dos sacramentos. Em uma época que mesmo os católicos ortodoxos põem em dúvida a validade dos sacramentos administrados por padres indignos, Francisco reconhece essa validade e afirma sem rodeios. É por que distingue criteriosamente clérigos e leigos que ele tem necessidade dos primeiros e fica na Igreja. (Le Goff, 2005b, p. 112).

Além do poder na Igreja, outra classe social se destacou ao longo do período, os nobres. Donos de domínios, que, por meio da relação de servidão, mantinham os servos presos as suas terras, através de fatores como: os instrumentos de trabalho, a própria terra (que se caracterizava como doação) e o pagamento de impostos, como a corveia, a mão morta e as banalidades. Embora, alguns historiadores tratem esses tributos como “impostos”, é importante ressaltar que não se pode

dar um sentido modernizante a tais prestações, que muito pouco tinham a ver com “impostos”. Elas faziam parte, isso sim, de uma mentalidade que colocava muito da atividade econômica no plano

mágico, do “tirar, oferecer e consagrar”. Ou seja, os senhores apareciam “em primeiro lugar como dispensadores de fecundidade, o que legitimava suas exigências e fazia convergir para sua casa todo um sistema de oferendas ritualizadas”. (Duby como citado em Franco, 2001, p. 48).

Desse modo, os referidos tributos eram vistos e alimentados como parte da mentalidade da época, fazendo com que o retorno em forma de “contribuição” nada mais fosse que um ato de agradecer ao senhor pelas benesses por ele dispensadas.

A Idade Média, no período correspondente à vida de Francisco de Assis, testemunhou as melhorias agrícolas, com o aprimoramento de ferramentas e utensílios necessários ao desenvolvimento da agricultura. Além disso, o período foi marcado pelo chamado Renascimento Comercial, ocorrido, principalmente devido ao aumento de rotas de comércio, as quais trouxeram, entre outros benefícios, a disponibilidade de alimento, o que também ajudou no aumento populacional, pois à medida que as cidades cresciam, crescia também a necessidade pelos mais diversos produtos. O consumo ia desde objetos de luxo até itens essenciais. Produto do fomento dessas atividades, destaca-se o surgimento das feiras que ajudaram na circulação das mercadorias. Inicialmente, elas aconteciam nos burgos, depois passaram a ocorrer em espaços mais amplos. As principais feiras ficavam nas cidades de Champanha, na França e em Gênova e Veneza, na Itália.

Ao discorrer sobre a Idade Média, buscou-se situar o homem em seu tempo. Perceber as relações que existiam naquele contexto, ajudará na percepção do homem de Assis.

2. O RETRATO DA PERFEIÇÃO: O HOMEM DE ASSIS

Giovani di Pietro di Bernadone, apelidado por seu pai de Francesco, viveu num período de profundas mudanças sociais e de guerras entre a nascente burguesia e a nobreza. Filho do próspero comerciante de tecidos Pietro di Bernadone, Francisco ansiava ascender socialmente para a nobreza tornando-se um vencedor cavalheiro. Nascido em 1181 ou 1182, em Assis, Itália, Francisco não se diferenciava muito de tantos outros jovens de sua época, e, como eles, também almejava reconhecimento e fortuna. Filho de uma burguesia comercial e sem títulos, o desejo de se tornar um cavalheiro, enchia-lhes os olhos e o coração.

Embora, Tomás de Celano trate Pietro di Bernadone como um homem rico, historiadores apontam que: “a fortuna de que dispunha graças ao pai era inferior à maior parte dos nobres” (Le Goff, 2005b, p. 60). O jovem Francisco, possivelmente, fora instruído de acordo com a educação vigente no período, chegando a participar das aulas na Paróquia de São Jorge: “aprendeu o latim e o italiano ... mesmo tendo-a frequentado apenas durante três anos, conforme a educação precária e irregular da época, quando a maioria das pessoas era praticamente analfabetas.” (Lelua & Bohomoletz, 2019, p. 36). Provavelmente, tenha aprendido alguns rudimentos de Matemática, tendo em vista o ofício do pai e, por consequência, se tornaria o seu em algum momento da vida. Sua educação foi precária, assim como a maior parte da população do Medievo, pois até mesmo, os mais abastados encontravam dificuldades no tocante ao acesso ao ensino.

Francisco cresceu usufruindo de uma vida confortável e cercado dos benefícios que a boa condição de seus pais podia proporcionar-lhe. Assim, “durante a sua juventude, entregara-se as alegrias da vida cortês, compunha canções de amor ...” (Duby, 1978, p. 142). Cresceu sendo “galanteador, amante da beleza, sob todas as formas e sedutor nas festas junto à juventude local” (Lelua & Bohomoletz, 2019, p. 13). Admirador da poesia, em especial da francesa, dedicava-se a viver conforme seu tempo permitia, participando de serenata pela cidade, dos jograis na praça de Assis, cantando e festejando, um verdadeiro esbanjador. Por sua natureza festeira, agregava a muitos. Vestia-se ao melhor estilo da nobreza, embora não o fosse, e tinha na gentileza uma forte característica.

Francisco era apaixonado e inquieto, talvez, por isso, quando o seu coração se aquietou, ele conseguiu abandonar a tudo que conhecia, seguindo a voz do crucificado. Renunciou ao antigo projeto de vida quando entregou a vestes ao seu pai terreno Pietro di Bernadone. Caroli (1999, p. 587) nos lembra que Francisco não foi o único a vivenciar a pobreza no seu tempo, pois outras manifestações como essa já se faziam conhecidas. Quando, enfim, despojou-se de si, imitando a Pedro Valdo, “quis despojar-se de tudo, quando apresentou-se nu diante do pai, lançando-lhe aos pés os seus adornos e os seus dinheiros. Foi o bispo da cidade que o cobriu com seu manto. Permaneceu na igreja, fiel (Duby, 1978, p. 142). Tanto que ao congregar seus irmãos frades, os conclamava na ajuda e na boa convivência com o clero:

Somos enviados como ajuda aos clérigos para a salvação das almas, de forma que, se algo faltar neles, seja suprido por nós... Irmãos, sabei que é muito do agrado de Deus a conquista das almas, e isso podemos conseguir melhor em paz com os clérigos do que com a discórdia... Se fordes filhos da paz, ganhareis os clérigos e o povo e isto é mais agradável a Deus do que ganhar somente o povo, deixando o clero escandalizado, cobrir suas faltas e supri seus muitos defeitos e, quando tiverdes feito isto, sede ainda mais humildes (Espelho da Perfeição - 3, cap.14).

Após sua conversão, foi assim descrito na *Prima Vita* (83, 8-10) de Tomás de Celano:

Era de estatura um pouco abaixo da média, cabeça proporcionada e redonda, rosto um tanto largo e fino, testa plana e curta, cabelos castanhos, pestanas retas. nariz proporcional, delgado e reto, orelhas levantadas mas pequenas, têmporas achatadas, língua pacificadora, ardente e penetrante, voz forte e doce, clara e sonora, dentes unidos alinhados

e brancos, lábios pequenos e delgados, barba preta e um tanto rala.

Assim apresentado, não parece que seja um homem atraente, porém o descuido com o próprio corpo, algo presente na mentalidade da Idade Média, além das questões relacionadas à dor física como forma de purificação, pois na “Tradição judaico-cristã, a dor é mostrada como uma prova ou um castigo imposto por Deus quando encolerizado.” (Duby, 2017, p. 191).

Francisco, por sua radicalidade, expunha seu corpo a muitas dores. Para isso, Duby (2017), informa que “os homens são naturalmente pecadores. Portanto é normal que sofram. Não apenas normal mas necessário. Furtar-se ao sofrimento não é ir de encontro à vontade divina.” (p. 191). Logo, a mentalidade da época dava os subsídios para esse comportamento. Embora, com a fisionomia maltratada e de “aspecto muito desprezível e pequeno no tamanho, e que por esse motivo se passava por um vil pobrezinho” [...] (Le Goff, 2005b, p.105), havia algo de contagiante nele, como nos tempos da juventude, por isso os Fioretti nos informam que continuava a “seduzir multidões”.

3. O POBREZINHO DE ASSIS: ENTRE O PODER E A FÉ

Na época em que viveu Francisco, existiam diferentes movimentos, muitos deles de cunho herético. Dentre eles destacamos os Pobres de Cristo de Roberto de Abrissel, Cátaros e Humilhados, os Valdenses e os Pobres Reconciliados. Teria sido Francisco influenciado por eles? Na *Legenda dos Três Companheiros* 25, e na *Prima Vita* de Tomás

de Celano mostram que a inspiração de Francisco era baseada nos evangelhos no trecho que Cristo enviava seus discípulos a pregar. Ao ouvir o evangelho Francisco disse: “É isso que eu quero cumprir com todas as minhas forças”. A pobreza franciscana foi inspirada nos evangelhos de Mateus, 10.7-19; Marcos, 6.7-12 e Lucas, 10. 1-16.

Francisco ouviu, na festa do Apóstolo Matias, em 24 de fevereiro de 1209, na capela da Porciúncula o trecho em que Cristo recomendava aos discípulos a pregar: que não levassem no caminho nem ouro nem prata, nem sacola, nem alforge, nem pão nem cajado, e não usassem nem calçados, nem duas túnicas (Caroli, 1999. p. 587).

Francisco abandonou radicalmente o sonho de poder que o perseguiu durante toda sua existência. O filho de dona Picca também conviveu com as disputas pelo poder entre os membros da sua própria ordem. Com o crescimento do número de irmãos, no início do século XIII, inevitáveis lutas pelo poder que se instalam em todas as relações sociais apareceram em todas as instâncias: estado, grupos sociais, família (Foucault, 1989). Também na nascente família franciscana de então as relações de poder foram travadas de modo explícito. A opção de viver a pobreza evangélica dentro da Igreja Medieval na qual as instâncias do poder e da riqueza estavam muito presentes, mesmo diante de tais limitações, Francisco não a abandonou seguiu fielmente a recomendação do crucificado de São Damião “Francisco, vai e restaura a minha casa” (Celano, 2021, p.137).

É dramática a aflição de Francisco de Assis, dividido entre o ideal desnaturado e sua ligação apaixonada com a Igreja e à ortodoxia, e ele acaba aceitando, mas se retira. Pouco antes da sua morte (1226), na solidão de Verna, os estigmas foram o fim, o resgate e a recompensa de sua angústia (Le Goff, 2005a, p. 79).

Viveu num período marcado por guerras entre a burguesia que se estabelecia e a nobreza que queria manter o seu poder, Francisco, que sonhava tornar-se cavaleiro, com esse intuito

inscreveu-se para participar da guerra entre Assis e Perugia. Assis perdeu a guerra, Francisco tornou-se prisioneiro e enfermo. Em 1205, partiu para a luta. Em Espoleto, recebeu, em sonhos, ordem para voltar a Assis. A partir daí os ideais de Francisco começaram a se transformar a ponto de se tornar um paradoxo na sua época e nas épocas futuras. O que faria um jovem rico, com poder de liderança e ambição abandonar tais valores? Essa decisão era natural na sociedade e na sua família de sangue?

Aos poucos Francisco de Assis foi-se distanciando dos costumes e dos anseios da burguesia e da nobreza do seu tempo, preocupando-se com a parcela mais pobre da população de Assis. A expansão econômica do Ocidente no século XII não teve apenas consequências benéficas. Ao mesmo tempo em que arrancava a sociedade à estagnação, aumentava a distância que separava ricos e pobres. (Vauchez, 1995, p. 67).

Diz Celano (2021) que, libertado da prisão, pouco tempo depois tornou-se ainda bondoso para com os necessitados. Resolveu, desde então não desviar o rosto de pobre nenhum e de ninguém que ao pedir lembrasse o amor de Deus.

Como se vê na Legenda Maior I,5: A partir daí, afastando-se do tumulto da negociação pública, suplicava devotamente a clemência suprema para que se dignasse a mostrar-lhe o que teria que fazer. Celano no capítulo 9,21 da Primeira Vida mostra aspectos da restauração das igrejas como no episódio com o crucifixo de São Damião (I C, 8, 18) e da Porciúncula:

Depois que o santo de Deus trocou de hábito e acabou de reparar a mencionada igreja, mudou-se para outro lugar próximo da cidade de Assis. Aí começou a reedificar outra igreja abandonada e quase destruída, e

desde que pôs as mãos à obra não parou enquanto não terminou tudo.

Dali passou a outro lugar, chamado Porciúncula, onde havia uma antiga igreja da Bem-Aventurada Virgem Mãe de Deus, mas estava abandonada e nesse tempo não era cuidada por ninguém. Quando o santo de Deus a viu tão arruinada, entristeceu-se porque tinha grande devoção para com a Mãe de toda bondade, e passou a morar ali habitualmente. Estava no terceiro ano da sua conversão. Por essa época, usava um hábito de ermitão, cingido por uma correia, e andava com um bastão e com os pés calçados. (I C,9,21,1,2,3)

Logo depois de se desligar do seu pai, Pietro di Bernadone, “mediatamente “Francisco”, diz Tomas de Celano, “vai pela floresta cantando louvores em francês” (Caroli, 1999). Não perdeu tempo, foi edificar igrejas, certo da sua fé e obediência ao Cristo. Percebe-se profunda mudança interior e exterior em Francisco, as quais chamam atenção, chocam e provocam. A modificação interior e exterior de Francisco de Assis chama atenção, choca e provoca interpretações distintas dos seus hagiógrafos com relação ao episódio do crucifixo de São Damião, como aponta Visalli, 2013:

Tomás de Celano toma cuidado de imputar a Francisco o entendimento da mensagem metafórica da imagem, ainda que tenha optado por iniciar sua tarefa pelas expressões mais materiais, a reforma do lugar. Apresenta uma outra perspectiva, a de que o “o servo de Deus” não teria entendido o significado da grandeza de sua missão e por isso

se dedicou a reconstrução da igreja material (2013, p. 96).

Sabe-se que, independentemente dos movimentos heréticos como os valdenses que pregavam a pobreza e até das disputas posteriores pela herança do carisma entre os ramos diferentes ramos do franciscanismo, a maturidade e o chamado evangélico do Senhor a Francisco foi se aprofundando com o tempo. As atitudes do Pobre de Assis mostram como ele foi de encontro, de modo pacífico, aos ideais do seu tempo. Vauchez (1995) chama atenção a respeito dos movimentos religiosos do século XII do seguinte modo:

À custa de conflitos e condenações, que às vezes os conduziram à beira da heresia, os movimentos religiosos populares do século XII conseguiram que a igreja admitisse os principais elementos de uma espiritualidade que, por ter sido mais vivida que formulada, não deixava de ter uma importância considerável na história do cristianismo medieval. Os historiadores tendem a negligenciá-la porque ela permanecia implícita. Entretanto, sem esse novo clima, não se explicariam nem o conteúdo nem o sucesso da mensagem franciscana (Vauchez, 1995, p.122).

O testamento de São Francisco de Assis aponta de forma clara a sua mudança singular, dita por ele mesmo:

O Senhor assim deu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: porque, como estava em pecados, parecia-me por demais amargo ver os leprosos. E o próprio Senhor me levou para o meio deles, e fiz misericórdia com eles. E, afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo

*converteu-se para mim em
doçura da alma e do corpo; e
depois parei um pouco e saí do
século (nº 1- 3).*

O próprio Francisco aponta como a “saída do século” foi para ele um ato de profunda convicção ao ponto de transformar aquilo que antes ele achava repulsivo como o contato com os leprosos, tornar-se motivo de júbilo ao seu criador.

Em 1225, bem próximo de receber a visita da irmã morte corporal, Francisco compôs em língua vulgar o lindo poema Cântico do Sol ou das Criaturas considerado o marco inicial da poesia italiana. Com relação ao lugar que a poesia ocupou na sociedade medieval, Pernoud ensina que

Os homens da Idade Média consideravam a poesia como uma forma natural de expressão; para eles, ela faz parte da vida, ao mesmo título que as necessidades materiais ou, mais exatamente, como as faculdades próprias do homem como o pensamento e a linguagem. O poeta não é para eles um anormal, é ao contrário um homem completo, mais completo do que aquele que não é capaz de criação artística ou poética (Pernoud, 1997, p. 194).

A beleza do Cântico do Sol, composto quando ele estava no auge da sua doença, sem força recorrendo, por indicação do bispo e de Frei Elias, a vários médicos, sua enfermidade se agravava a cada dia. A doença não diminuiu a alegria e a sensibilidade do Poeta de Assis. “O cântico das criaturas é o canto do homem plenamente reconciliado consigo mesmo, com a natureza, com seus semelhantes, com o próprio Deus” (Caroli, 1999, p. 74).

Cântico do Sol

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória
e a honra e todo bendizer.
A ti somente, Altíssimo, são devidos
E homem algum é digno de sequer nomear-te.

Louvado sejas meu Senhor,
Com todas as tuas criaturas,
Especialmente o senhor irmão sol,
pois ele é dia
e nos ilumina por si.
E ele é belo e radiante com grande esplendor.
E porta teu sinal, ó Altíssimo.

Louvado sejas meu Senhor,
Pela irmã lua e as estrelas, no céu as formaste
luminosas
e preciosas e belas.

Louvado sejas meu Senhor,
Pelo irmão vento e o ar e as nuvens,
E o céu sereno e toda espécie de tempo,
pelo qual as criaturas dás sustento.

Louvado sejas meu Senhor,
Pela nossa irmã água,
a qual é muito humilde e preciosa e casta.

Louvado sejas meu Senhor,
Pelo irmão fogo,
Pelo qual iluminas a noite;
e ele é belo e alegre
e vigoroso e forte.

Louvado sejas meu Senhor,
Por nossa irmã a mãe terra,
Que nos alimenta e governa
e produz variados frutos
e coloridas flores e ervas.

Louvado sejas meu Senhor,
por aqueles que perdoam por teu amor,
e suportam enfermidades e tribulações.

Bem-aventurados os que sofrem em paz,
que por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas meu Senhor,
por nosso irmão a morte corporal,
da qual ninguém pode escapar.
Ai daqueles que morrem em pecado mortal!
Felizes os que estão na tua santíssima vontade,

Que a morte segunda não lhes fará mal.

Louvai e bendizei a meu Senhor
e rendei-lhe graças e servi-lhe com grande
humildade! (Esser & Hardick, 1982, p. 182).
O amor incondicional a Jesus Cristo e à
fraternidade são as principais características do
carisma do Pobrezinho de Assis.

4. O HOMEM FRANCISCO E SUA CONTRIBUIÇÃO A OUTROS TEMPOS

O homem Francisco, a partir de suas experiências e de seu olhar para o mundo, deixou várias contribuições: propôs novas formas de vida e de fraternidade; revolucionou seu tempo, por meio de atitudes que se diferenciava do modo Medieval que priorizava atitudes como a ambição, misoginia,

interpretação simbólica, entre outras atitudes que ele combatia. Para isso, ele apresentou proposições, que visavam um olhar universal para com as pessoas e o mundo. Para uma melhor compressão, segue o modelo abaixo, com as críticas e os modelos propostos pelo Pobrezinho de Assis (Tabela 1).

Tabela 1 - Características e críticas do tempo e proposições de Francisco de Assis

Características	Críticas	Proposições
Economia	Ambição e Avarizia	Prodigalidade e desprendimento
Caridade	Valor da esmola formal	Pobreza evangélica
Política	Feudalismo	Reino de Deus
Legislação	Humana e Social	Evangelismo
Sociedade	Hierárquica	Fraternidade
Comunidade	Clericalismo	Laicismo
Sexualidade	Misoginia	Valorização da Mulher
Cultura	Valor da Ciência	Simplicidade, Humildade
Universo	Interpretação simbólica	Interpretação naturalista
Características	Críticas	Proposições
Catequização	Cruzadas	Missionarismo
Monasticismo	Fuga do mundo	Atuação dentro do mundo
Misticismo	Tradicional (auto-renúncia e amor a Deus)	União e identificação com Deus (daí receber os estigmas)

Fonte: Franco, 2001. p. 263

Além das ideias apresentadas por ele, expostas na Tabela 1. Francisco deixou, em seu testamento de vida, sua herança e modelos que podem ser seguidos por diversos povos e

nações. Entre o fim do século XIX e o início do século XX, alguns historiadores começaram a exaltá-lo considerando-o um dos símbolos da modernidade, entre eles, o francês Émile

Gebhart, que o comparava a Frederico II, vendo em ambos os grandes modernos da Idade Média (Le Goff, 2005b, p. 102).

Contribuiu para o mundo no tocante à diplomacia, quando se ofereceu para intermediar o diálogo com o sultão Al-Kamil, devido à falta de habilidade do Cardeal Pelagio, para intermear questões relacionadas à V Cruzada, e mesmo que, a princípio, pensasse como um homem do medievo, para o qual a conversão de outros povos ao cristianismo seria necessária, percebeu que o caminho era o respeito à forma de vida e crença de cada indivíduo. Essa lição de diplomacia foi apresentada aos povos do mundo, numa tentativa clara de estabelecer o diálogo como um caminho seguro e fraterno de convivência. Essa experiência, segundo os relatos, fez com que, ao voltar da missão, propusesse “que, de modo semelhante à religião islâmica, houvesse uma vez ao dia convocação para as preces” (Lelua & Bohomoletz, 2019, p. 57).

Além de propor a radicalidade do Evangelho de Cristo, de modo que todos pudessem passar do Evangelho à vida e da Vida ao Evangelho, acreditava nas formas radicais de igualdade e democracia na tomada de decisões. Essa ideia foi expressa na criação dos Capítulos, espécie de assembleia onde os irmãos deveriam decidir sobre a vida e a caminhada além dos ministros para sua ordem, os quais deveriam servir e não ser servidos.

Devido a seu espírito pacificador, Francisco deixou como herança a chamada “objeção de consciência”, hoje adotada em alguns países, essa prática dá ao indivíduo a oportunidade de

recusar, por exemplo, a participação em guerras. Sendo cortês, apresentou ao mundo o respeito às mulheres e o amor a toda criatura, deixando, assim, o legado de fraternidade universal. O respeito às mulheres é sentido quando da formação da Ordem das Clarissas que, embora compartilhasse dos mesmos desejos manifesta o pensamento de sua fundadora Clara de Assis, ou seja, uma ordem com o jeito feminino, ao contrário do que ocorria no período, que, muitas vezes, eram apenas uma ordem ou congregação feminina, mas com os moldes masculinos.

Nos dias atuais, de forma bem específica, em 19 de novembro de 2020, o Pontífice Francisco convocou os jovens para viver a “Economia de Francisco” que tem como objetivo, a partir dos ensinamentos de Francisco de Assis, a construção de uma economia integral, centrada na pessoa humana e na criação, em busca de uma vida melhor na Casa Comum. No modelo exposto, com a inspiração das Encíclicas *Evangelii Gaudium* e *Laudato Si*, a proposição da Economia de Francisco acredita em uma ecologia integral, pois só é possível pensar em desenvolvimento aliado ao cuidado da criação, com a participação dos empobrecidos nos processos de construção das políticas sociais e econômicas; no bem viver, porque o capitalismo é um sistema econômico cujas leis próprias geram exclusão e desigualdade; na superação da crise que se dá por caminhos em que tudo está interligado; na potência das periferias vivas; na economia a serviço da vida; nas comunidades como saída; na educação integral e na solidariedade e clamor dos povos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo depois de tantos anos, o espírito de Francisco nunca foi tão atual. Ele foi um homem à frente de seu tempo? Segundo Le Goff (2005b, p. 105), não. Ele foi um produto do que seu tempo o permitiu fazer e viver. “E isso não diminui nem sua originalidade nem sua importância” (Le Goff, 2005b, p. 105), ao contrário, mostra o quanto ele estava

determinado a apresentar uma forma de vida fraterna e possível. Sua herança pode ser uma das vias para um mundo igualitário. Sua presença nunca foi tão necessária, principalmente em tempos de governos autoritários e desumanos. Falar de Francisco de Assis é abrir caminhos para o diálogo e respeito entre os povos.

- Barros, J. A. (2010). Heresias: Considerações sobre a história de um conceito e sobre as discussões historiográficas em torno das heresias medievais. *Fronteiras*, V (12:21), 33-49. <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/download/570/711>. Acesso em 12 de outubro de 2021, às 9h.
- Caroli, E. (Coord.) (1999). *Dicionário franciscano*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Celano, T. (2021). *Vida de São Francisco de Assis*. Petrópolis (RJ): Vozes
- Duby, G. (1978) *Tempo das catedrais – A arte e a sociedade (980-1420)*. Genebra: Estampa.
- Duby, G. (2017). *Idade Média, Idade dos homens*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Espelho da perfeição - terceira parte cap. 14 [s.d.]. *Centro Franciscano de Espiritualidade*. http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes-leitura?id=2755&parent_id=2667.
- Esser, K. & Hardick, L. (1982). *Os escritos de São Francisco de Assis*. Trad. Edmundo Binder. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Franco, H., Jr. (2001). *A Idade média: nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense.
- Fassini, D.F. (Coord.) & Mamede, J.,F. (Ed.) (2004). *Fontes Franciscanas*. Santo André (SP): Editora Mensageiro de Santo Antônio.
- Foucault, M. (1989). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Le Goff, J. (2005a). *A civilização do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC.
- Le Goff, J. (2005b). *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record.
- Lelua, V. & Bohomoletz R. (2019). *Francisco de Assis – História, contos e lendas*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Pernoud, R. (1997). *Luz sobre a Idade Média*. Sintra (Portugal): Europa-América.
- Testamento de São Francisco. <https://www.capuchinhosrs.org.br/lefan/franciscanismo/cronicas/cronica-de-jordao-de-jano/34>. Acesso em 7 de setembro de 2021 às 11h20.
- Vauchez, A. (1995). *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Visalli, A. M. (2013). O crucifixo de São Damião: assim Cristo se manifesta a Francisco de Assis. *Notandum* 32. Maio a agosto. Porto (Portugal): CEMOr-Feusp/IJI-Universidade do Porto.